

PERÍODOS COMPOSTOS POR SUBORDINAÇÃO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM JOGOS PEDAGÓGICOS

PERÍODOS COMPUESTOS POR SUBORDINACIÓN: UNA PROPUESTA DE INTERVENCIÓN
CON JUEGOS PEDAGÓGICOS

COMPOUND PERIODS BY SUBORDINATION: A PROPOSAL FOR INTERVENTION WITH
PEDAGOGICAL GAMES

Rafael Bezerra de Lima*

Vanicléia Lima dos Santos**

Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO: O trabalho aqui proposto apresenta resultados obtidos a partir de uma intervenção com jogos pedagógicos para o ensino dos períodos compostos por subordinação em turmas do 9º ano. Para isso, baseamo-nos nos estudos gramaticais de Travaglia (2008); refletimos sobre a Sintaxe com Ferrarezi Junior (2012); Kenedy e Othero (2018); e na área dos jogos pedagógicos, utilizamos autores como Ide (2009); Pilati (2017) e Kishimoto (2009). Como metodologia, trata-se de uma pesquisa-ação, com abordagem predominantemente qualitativa e método indutivo (MARCONI; LAKATOS, 2003). Constatamos, então, que o ensino de estruturas gramaticais mostrou-se eficaz se atrelado a materiais concretos, como os jogos pedagógicos, pois estes não são apenas capazes de desenvolver um método lúdico no ensino, mas, sobretudo, de aprimorar a aprendizagem cognitiva, estimulando o raciocínio dos alunos em relação à gramática.

PALAVRAS-CHAVE: Período Composto por Subordinação. Jogos Pedagógicos. Gramática. Ensino.

* Doutor pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL (2010), professor associado da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE e Professor do Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFRPE. E-mail: rafael.lima@ufape.edu.br.

** Mestre pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, pelo programa Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS (2020), professora da rede municipal de ensino da Escola Municipal Miguel Calado Borba, Angelim-PE. E-mail: vaniclea_star@hotmail.com.

RESUMEN: El trabajo aquí propuesto presenta resultados obtenidos de una intervención con juegos pedagógicos para la enseñanza de períodos compuestos por subordinación en clases de 9º grado. Para ello, nos basamos en los estudios gramaticales de Travaglia (2008); reflexionamos sobre Sintaxis con Ferrarezi Junior (2012); Kennedy y Othero (2018); y en el área de los juegos pedagógicos se recurrió a autores como Ide (2009); Pilati (2017); Kishimoto (2009). Como metodología, es una investigación acción, con un enfoque predominantemente cualitativo y método inductivo (MARCONI; LAKATOS, 2003). Encontramos, entonces, que la enseñanza de las estructuras gramaticales demostró ser efectiva si se vincula a materiales concretos, como los juegos pedagógicos, ya que estos no solo son capaces de desarrollar un método lúdico en la enseñanza, sino, sobre todo, de mejorar el aprendizaje cognitivo, estimular el razonamiento de los estudiantes en relación con la gramática.

PALABRAS CLAVE: Período compuesto de subordinación. Juegos pedagógicos. Gramática. Enseñando.

ABSTRACT: The work proposed here presents results obtained from an intervention with pedagogical games for the teaching of periods composed by subordination in 9th grade classes. For this, we base ourselves on the grammatical studies of Travaglia (2008); we reflect on Syntax with Ferrarezi Junior (2012); Kennedy and Othero (2018); and in the area of pedagogical games, we used authors such as Ide (2009); Pilati (2017); Kishimoto (2009). As a methodology, it is an action research, with a predominantly qualitative approach and inductive method (MARCONI; LAKATOS, 2003). We found, then, that the teaching of grammatical structures proved to be effective if linked to concrete materials, such as pedagogical games, as these are not only capable of developing a playful method in teaching, but, above all, of improving cognitive learning, stimulating students' reasoning in relation to grammar.

KEYWORDS: Period Composed of Subordination. Pedagogical Games. Grammar. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Mesmo com avanços na área dos estudos gramaticais descritivos, os professores de Língua Portuguesa ainda se deparam com a forte dificuldade que os alunos têm em compreender a Sintaxe no que tange, por exemplo, aos estudos das Orações Subordinadas.

Quando o docente sabe que sua abordagem no tratamento da gramática pode fazer o aluno entender muito mais do que regras, o ensino fica mais completo e as aulas de orações subordinadas, por exemplo, ficam muito mais eficazes, para que o aluno saiba realmente o que está estudando e que importância a Sintaxe tem na construção de um texto. Sobre a aprendizagem de uma língua, Travaglia (2008) afirma que “[...] aprender a língua, seja de forma natural no convívio social, seja de forma sistemática em uma sala de aula, implica sempre na reflexão sobre a linguagem, formulação de hipóteses e verificação de acerto ou não dessas hipóteses sobre a constituição e funcionamento da língua” (TRAVAGLIA, 2008, p. 107).

Para o autor, nas situações de interações que nos envolvemos, há sempre uma reflexão sobre a língua, seja ela explícita ou não, para não só termos que nos fazer entender, mas também entender o outro. Assim, é sob esta perspectiva de interação social mostrada por Travaglia (2008) que pretendemos trabalhar as orações subordinadas, de modo que o aluno seja levado a refletir sob tal aspecto gramatical, levantando hipóteses de desvios e acertos da norma, não nos detendo apenas a nomenclaturas e exercícios estruturais, mas, sobretudo, tentando fazer com que o aluno aja de maneira reflexiva diante da norma.

No que concerne aos períodos compostos, conforme aponta Ferrarezi Junior (2012), a prática do mau funcionamento em se entender esse tipo de período se dá por uma grave falta de compreensão em relação ao funcionamento da Sintaxe, em seus processos envolvidos, as características das palavras e sua relação com a estruturação das frases. Dessa forma, é preciso, antes de aprender o período composto, segundo o autor, dominar o período simples, pois se não entendemos nem os princípios básicos das estruturas mais simples, como poderemos entender as estruturas mais complexas? O pesquisador ressalta, então, que:

[...] uma oração subordinada não se liga a outra oração. Não há orações ligadas a outras orações, não há “orações de orações”, simplesmente porque isso feriria uma das mais importantes regras de sintaxe do português brasileiro: apenas as palavras abrem lacunas sintáticas na estrutura, apenas as palavras definem as restrições de sentido e as restrições gramaticais. (FERRAREZI JUNIOR, 2012, p. 142)

Assim, para o autor, esse é um aspecto fundamental para enfatizar aos alunos, pois se eles não compreenderem que são palavras que geram orações, eles não conseguirão analisar adequadamente os períodos. Por isso, Ferrarezi Junior (2012, p. 142) defende a ideia de que enquanto prevalecer a crença tradicional de que “[...] orações principais geram orações subordinadas”, o ensino estará restrito à memorização de exemplos e o período composto não será analisado como deve ser.

De maneira a facilitar o entendimento dos discentes com relação à aprendizagem das orações subordinadas, propomos uma intervenção com oficinas que envolvem jogos pedagógicos. Como afirma Pilati (2017, p. 90), o ponto inicial das aulas de gramática deve ser a ponderação dos conhecimentos inconscientes que o aluno já tem. Conforme aponta ainda a autora, a tomada de consciência no tocante a esses conhecimentos “[...] só acontecerá plenamente quando o estudante puder ver o funcionamento desse sistema”. Sendo assim, para que o aluno possa entender o processo de nosso sistema linguístico, ele deve experimentar fatores que levem a perceber esse funcionamento de modo concreto. Por isso, propomos a utilização dos jogos como metodologia ativa, para que o aluno possa manipular na prática as regras das orações subordinadas.

Para Pilati (2017), o material concreto¹ permite o entendimento das ocorrências gramaticais e conseqüentemente desenvolve a aprendizagem ativa, de modo que pode provocar a consciência sobre a organização sintática da língua, além de auxiliar no reconhecimento de fatores onde não há facilidade de compreensão. Dessa maneira, com base na autora, como material concreto de aprendizagem ativa, propomos a utilização de jogos pedagógicos nas aulas de gramática, em especial, já que é o foco desta pesquisa, nas aulas que envolvem os períodos compostos por subordinação, como elementos de organização na estrutura sintática em relação à dependência e à independência das orações em nosso sistema linguístico.

Foi pensando nos objetos de ensino em sala de aula que procuramos desenvolver um trabalho que possa contribuir com as novas metodologias no ensino gramatical. Sendo assim, buscamos responder a seguinte pergunta de investigação norteadora desse trabalho: *Como desenvolver um método de ensino que possa facilitar o entendimento do fenômeno da subordinação nas aulas de Língua Portuguesa?* A partir desse questionamento, defendemos a hipótese de que os jogos pedagógicos são uma excelente ferramenta de aprendizagem para desenvolver a compreensão dos períodos complexos.

Assim buscamos desenvolver oficinas para aplicação de jogos pedagógicos de maneira a contribuir com o ensino das orações subordinadas. Para tanto, propomos uma intervenção com base na confecção de jogos pedagógicos para tentar amenizar as dificuldades que os alunos sentem em relação ao entendimento de orações complexas.

No que se refere à intervenção por meio dos jogos educacionais, desenvolvemos cinco oficinas pedagógicas com o intuito de aplicar os jogos elaborados para que pudéssemos perceber a real eficiência desta aplicação. Antes da realização da primeira oficina, porém, propusemos um questionário inicial, com o objetivo de saber até que ponto os alunos entendiam e sabiam sobre a subordinação e seus elementos, visto que era um assunto que de antemão já havia sido trabalhado pela professora pesquisadora ao longo do ano antes da realização desta pesquisa.

Portanto, desenvolvemos as oficinas da seguinte maneira: na primeira oficina propomos uma aula para sabermos os conhecimentos prévios dos alunos, além disso, levamos slides com partes teóricas para discutirmos juntamente com os estudantes assuntos como *gramática, sintaxe e períodos compostos por subordinação*; na segunda oficina, propomos o primeiro jogo denominado de “Tabuleiro do encaixe”, visando trabalhar a hierarquia sintática dos períodos compostos, tanto da subordinação, quanto da coordenação; na terceira oficina propomos o nosso segundo jogo denominado de “roleta das orações complexas”, que tem como objetivo fazer reflexões acerca dos fenômenos da subordinação, bem como levantamento de hipóteses com questões para serem analisadas; na quarta oficina propomos o terceiro jogo denominado de “giro das possibilidades”, cujo objetivo é montar períodos compostos com seus respectivos conectivos semânticos; e, na quinta e última oficina, propomos nosso último jogo denominado de “dominós da subordinação”, que visa testar e revisar o aprendizado adquirido nas oficinas anteriores.

¹ O material concreto aqui mencionado é aquele cuja característica principal é ser manipulável, a fim de que haja uma experiência concreta entre à teoria e à prática, como exemplo temos os jogos pedagógicos que têm a função de estimular à aprendizagem dos discentes por meio da manipulação de estruturas palpáveis.

Ademais, espera-se que haja uma mudança efetiva nas aulas sobre orações complexas, de modo que se perceba um novo enfoque, saindo das meras definições estabelecidas pela gramática tradicional de maneira a fazer com que o aluno reflita sobre os processos que envolvem as orações subordinadas, através do método da aplicação dos jogos pedagógicos, que é o enfoque desse trabalho.

2 A SINTAXE E A SUBORDINAÇÃO: UM BREVE DIÁLOGO

A Sintaxe é o ramo da linguística que estuda as palavras como elementos estruturais de uma frase, preocupando-se com as relações de ordem, subordinação e concordância de uma língua. Por isso, nesta seção, trazemos um diálogo entre a Sintaxe e o fenômeno da subordinação, um dos aspectos estudados em uma sentença.

De acordo com Othero (2014, p. 155), “[...] a Sintaxe é o estudo da organização das palavras em unidades maiores – os **sintagmas** – e a organização dessas unidades em **frases**.” Para o autor, a maneira como se organiza sintaticamente uma frase pode alterar seu significado, pois, dependendo dessa maneira, podem receber interpretações distintas apesar de serem constituídas pelos mesmos elementos, como por exemplo: “O João chutou o Pedro” e “O Pedro chutou o João” (OTHERO, 2014, p. 156). Percebemos que, apesar dessas duas frases serem constituídas com os mesmos elementos lexicais (um artigo, dois substantivos e um verbo), elas recebem compreensões distintas, uma vez que têm ordem sintática também distintas. Sendo assim, entendemos que a ordem dos elementos interfere também no significado de uma frase. Por isso, Sintaxe e Semântica são indissociáveis para compreensão de uma frase.

Para Franchi *et al.* (2006), “significar” (grifo dos autores) é, de certa forma, estabelecer uma relação entre expressões das línguas naturais e determinadas situações que podem acontecer no mundo real ou mesmo no mundo de nossa imaginação. Por outro lado, segundo o autor, temos as expressões linguísticas, que envolvem itens lexicais, organizados de maneira sintática, segundo princípios e normas.

Franchi *et al.* (2006, p. 105) esclarecem que, diante da maneira imprecisa de definir o que é significação, pode haver riscos de mal-entendido e por isso deixa claro pelo menos dois desses riscos:

Pode-se ficar com a ideia de que, quando falamos em situações ou fatos, nos referimos aos que de fato ocorrem. Mas, e a significação das expressões que se mostrarem falsas? Por isso, para descrever a significação de uma expressão, basta estabelecer com precisão como os fatos a que a expressão se refere deveriam ser, em determinadas circunstâncias, para que possamos avaliar se a expressão é verdadeira ou falsa. Outro risco seria o de entender que basta conhecer a significação de cada item lexical que se encadeia na expressão, para conhecer a significação da expressão como um todo.

Sendo assim, para Franchi *et al.* (2006) uma expressão complexa depende da significação de suas partes e do modo como essas partes se constituem estruturalmente. Os autores destacam que essa reflexão é importante, pois nos permite ver que as ponderações semânticas na construção de uma teoria gramatical exigem, como pressuposto, uma reflexão cuidadosa de descrição das estruturas sintáticas envolvidas.

Destarte, é preciso que o aluno se reconheça como agente proativo da aprendizagem, ao mesmo tempo em que se torne crítico das regras gramaticais. Espera-se que, com uma nova metodologia no ensino gramatical, o processo de ensino/aprendizagem se torne mais eficaz. Desta maneira, o modelo tradicional deixa de ser um modelo incontestável de referência da língua, para servir de base para que outras possibilidades possam ser alcançadas, além das regras estabelecidas e definidas como absolutas.

Na próxima seção, trazemos o desenvolvimento dos *Jogos Pedagógicos Educacionais nas aulas de Língua Portuguesa* como método prático e eficaz ao estímulo do amadurecimento cognitivo dos estudantes, que, em consequência, pode acarretar em um conhecimento mais significativo, de maneira a facilitar o processo de ensino/aprendizagem em sala de aula.

3 JOGOS PEDAGÓGICOS COMO FERRAMENTA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Entendemos que a utilização de jogos pedagógicos em sala de aula nos dias atuais é de suma importância para que o aluno se envolva no processo de ensino/aprendizagem de maneira significativa, fazendo com que o desenvolvimento das aulas se torne mais eficaz, além de sair da rotina do sistema: quadro e livro didático, ainda tão fortemente marcado em diversas realidades escolares.

Kishimoto (2009) afirma que não é uma tarefa fácil tentar definir o jogo, pois cada autor pode compreender de uma forma diferente. A autora faz a seguinte reflexão sobre jogos: “Um tabuleiro com piões é um brinquedo quando usado para fins de brincadeira. Teria o mesmo significado quando vira recurso de ensino, destinado à aprendizagem de números? É brinquedo ou material pedagógico? Da mesma forma, um tabuleiro de xadrez feito de material nobre como o cobre ou mármore, exposto como objeto de decoração, teria o significado de jogo?” (KISHIMOTO, 2009, p. 15).

Conforme aponta ainda Kishimoto (2009), um mesmo objeto pode ser analisado como jogo ou não-jogo. E para aumentar ainda mais a complexidade da reflexão sobre o comportamento de um jogo, o autor se indaga sobre os materiais lúdicos, em que alguns são chamados de brinquedos, já outros são chamados de jogos. O pesquisador, então, aponta níveis de diferenciações em que o jogo pode ser analisado a partir de três perspectivas: um sistema de regras, um objeto e é resultado de um sistema linguístico que se desenvolve inserido em um contexto social.

Como bem afirma Kishimoto (2009), quando consideramos que o sentido de um jogo está dentro de um contexto, isso significa dizer que temos que considerar o lançamento de hipóteses, a aplicação de uma experiência ou de um fenômeno oferecido pela sociedade, mediada pela língua enquanto instrumento cultural dessa sociedade. Sendo assim, a autora coloca em evidência que o jogo “[...] assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este o aspecto que nos mostra por que, dependendo do lugar e da época, os jogos assumem significações distintas” (KISHIMOTO, 2009, p. 17).

Em contraponto a evidência acima destacada, Kishimoto (2009) enfatiza que no Brasil os termos “jogo”, “brinquedo” e “brincadeira” ainda são empregados da mesma maneira, o que demonstra um baixo nível de pesquisas nesse campo em relação aos conceitos de cada palavra. Então, a autora faz a seguinte distinção:

Diferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização [...]
E a brincadeira? É a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação. (KISHIMOTO, 2009, p. 18)

Dessa maneira, para Kishimoto (2009), “brincadeira” e “brinquedo” se relacionam diretamente com a criança, mas podem ser confundidos com jogos, pois a existência de regras em todos os jogos é marcante e sempre acontecem em um tempo e um espaço com uma sequência própria. Além disso, no jogo, quase nunca se sabem os destinos da ação do jogador, que ficará sempre sujeito a fatores internos e estímulos externos, como o comportamento de outros jogadores.

Kishimoto (2009) faz uma síntese do que muitos autores demonstram como pontos em comuns em relação à família dos jogos:

1. Liberdade de ação do jogador ou o caráter voluntário, de motivação interna e episódica da ação lúdica; prazer (ou desprazer), futilidade, o “não-sério” ou efeito positivo;
2. Regras (implícitas ou explícitas);
3. Relevância do processo de brincar (o caráter improdutivo), incerteza de resultados;
4. Não-literalidade, reflexão de segundo grau, representação da realidade, imaginação e
5. Contextualização no tempo e no espaço. (KISHIMOTO, 2009, p. 27)

Para a autora, são essas características que nos permitem atribuir definições à família dos jogos. Dessa forma, os jogos aparentemente desprezíveis contribuem de maneira significativa no “aprender brincando”, em que o aluno ao se sentir sem obrigação de aprender, acaba aprendendo de maneira mais leve sem aparentemente nem perceber.

3.1 O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR ENTRE O ENSINO E O USO DE JOGOS PEDAGÓGICOS

O papel do professor para o desenvolvimento de jogos no ambiente escolar é de grande importância para o ensino/aprendizagem e, como tal, ele tem que estar ciente da sua função como mediador à medida que ocorre a troca de conhecimento entre discente e docente.

A priori, Ide (2005) estabelece que o professor é aquele que agrega a associação de valores e conhecimentos próprios da cultura como necessários à formação de um indivíduo. É essa figura de professor que prepara seus alunos de maneira a contribuir com os comportamentos escolares e sociais “desejáveis”. A autora enfatiza que muitas vezes a leitura do mundo não só social, mas também físico, é eliminada da interpretação do indivíduo e, dessa maneira, o professor acaba tornando-se um profissional capaz apenas de transmitir um conhecimento pronto, cuja consequência é fazer uma escolha de métodos que não aceitam atividades que propiciem a assimilação da inteligência na construção dos conhecimentos. Dessa forma, a educação, muitas vezes, acaba se tornando uma experiência negativa na vida da criança.

Para reverter a experiência negativa na aprendizagem, como mencionada acima, Ide (2009) destaca duas situações que são de extrema importância para desenvolver a capacidade cognitiva de uma criança: os instrumentos pedagógicos, que devem estar de acordo com a fase da criança para possibilitar a construção do saber, fazendo com que o indivíduo reflita, e a presença de um mediador, que é a pessoa posicionada entre o objeto e o estímulo, fazendo com que se crie situações de maneira sistemática e/ou assistemática que levem ao desenvolvimento do sujeito na construção do conhecimento.

Dentre os papéis do mediador, Ide (2009) destaca que

O mediador se encarrega não só de organizar, selecionar, estabelecer prioridades a certos estímulos mediados, mas também pode eliminar ou fazer estímulos entrarem de forma difusa na criança.

O mediador cria no indivíduo disposições que afetam o seu funcionamento de forma estrutural. O “fracasso”, o “distúrbio”, a “dificuldade” de aprendizagem, são, quase sempre, fracassos, distúrbios e dificuldades da mediação. (IDE, 2009, p. 94)

Por isso, Ide (2009) acredita que se o mediador tem uma nova perspectiva na forma como enxerga a criança, se ele percebe uma criança ativa, que pensa, reflete, organiza, exclui, cria, reformula, há maior probabilidade dessa criança desenvolver e superar suas dificuldades de aprendizagem, pois, como sabemos hoje em dia, o desenvolvimento de nossa capacidade intelectual não depende do simples fato de aglomerar informações, mas, sobretudo, de ressignificar os saberes anteriores. Sendo assim, para a autora, o conhecimento é conquistado por um processo de caráter assimilador e não apenas registrador.

Penteado (2009) destaca que uma das competências que devem ser desenvolvidas por um professor é a capacidade de amplitude na relação professor-aluno, de maneira a contribuir no processo ensino/aprendizagem. Para a autora, o professor deve ser facilitador, porém não se deve confundir que uma boa relação é aquela que o educador é “amigo”, “camarada”, “bonzinho”. Nem também aquela “relação séria” em que o professor bom é rigoroso e suas exigências estão atreladas à condição de prioridade, em contraponto às reais necessidades e condições da existência do aluno.

A relação professor/alunos, sob o ponto de vista de Penteado (2009), vivida nos dias atuais em diversas realidades escolares na educação brasileira, muitas vezes na forma de uma “relação burocrática” tem enfrentado um problema na capacitação do docente, que é a desenvoltura da espontaneidade, como é uma capacidade de criação, para que de fato ocorra um encontro do estudante com o conhecimento, mediado por ações eloquentes do educador. É preciso, portanto, que o professor exercite a “alteridade”, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Lopes (2005) enfatiza o quanto é importante que o educador, ao utilizar jogos, esteja com objetivos definidos e saiba selecionar o jogo apropriado para o momento educativo. Dessa forma, os professores podem transmitir conteúdos e passar avaliações de forma mais atraente e conseqüentemente atingir concomitantemente diversos objetivos.

Portanto, segundo Lopes, (2005, p. 37) o uso de jogos ativa a potencialização e a construção do conhecimento, por trazer a motivação através do lúdico. Entretanto, o trabalho pedagógico precisa de incentivos externos “[...] e a influência de parceiros bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos”. Ou seja, é preciso que o educador ative conhecimentos dos alunos de maneira a contribuir com os objetivos pedagógicos antes de se trabalhar efetivamente com os jogos, pois é preciso definir de antemão o que os alunos devem aprender e quais os possíveis objetivos alcançados a partir de determinadas ações pedagógicas.

Na próxima seção explicitamos os procedimentos metodológicos que nos deram suporte para esse trabalho, enfatizando o tipo e o contexto da pesquisa, os sujeitos envolvidos e como foi realizada a coleta para análise do *corpus*.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho tem como base a pesquisa-ação, uma vez que promovemos uma interação entre os sujeitos envolvidos no estudo e propomos uma intervenção de maneira que diminua o problema encontrado. Além disso, também é associada a várias formas de ação coletiva, orientada pela resolução de problemas ou de objetivos de transformação, como bem é definida por Thiollent (1986):

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo. Os problemas de aceitação dos pesquisadores no meio pesquisado têm que ser resolvidos no decurso da pesquisa. (THIOLLENT, 1986, p. 15)

Desse modo, a problemática metodológica social está centralizada na relação entre conhecimento e ação, em que a pesquisa social está voltada para a ação coletiva. O autor aponta que essa relação consiste em obter informações e selecionar conhecimentos em função de uma ação social específica. Desse modo, a passagem entre o saber e o conhecer se estabelece através da estrutura do raciocínio, em especial com relação à matéria de transformação de propostas descritivas e/ou indicativas de maneira a resolver ou amenizar um problema encontrado.

Apesar de utilizar números na coleta de dados e nos resultados obtidos nessa pesquisa, a abordagem predominante neste trabalho é de natureza qualitativa. De acordo com André (1995), a abordagem qualitativa não é apenas aquela que é oposta à quantitativa, mas é caracterizada sobretudo pela presença de valores, pelo quadro de referência e pela visão de mundo do pesquisador. Ao levar em consideração essa subjetividade, leva-se também em consideração a dimensão qualitativa de um estudo e, muito embora um trabalho possa apresentar números, como os que estão aqui presentes, as indagações marcadas pela postura teórica defendida na análise fazem distanciar-se de uma abordagem apenas quantitativa.

Em relação ao método utilizado para essa investigação, utilizamos o indutivo, cuja definição é apresentada por Marconi e Lakatos (2003) como aquele que, a partir da análise de dados particulares, se depreende uma verdade global, geral. Vale salientar, segundo as autoras, que esse método se fundamenta em premissas que chegam a conclusões prováveis, isto é, são deduzidas a partir de um fato, diferentemente das dedutivas, por exemplo, em que proposições verdadeiras levam, inquestionavelmente, a conclusões verdadeiras.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), para que a indução aconteça, devemos considerar três fatores essenciais: a observação dos fenômenos, a descoberta da relação entre esses fenômenos e a generalização dessa relação. Dessa forma, como passo inicial, observamos atentamente os fatos. Ao passo seguinte, classificamos, argumentamos esses fatos, sob uma relação de constância que há entre eles, para chegarmos à terceira fase, a da universalização da relação analisada.

4.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na Escola Miguel Calado Borba, localizada na zona urbana do município de Angelim (PE). O presente estudo envolve os alunos do 9º ano “A” e “B” do turno matutino, e do 9º ano “D” do turno vespertino.

Com relação à quantidade de alunos matriculados, a turma do 9º ano “A” tem 30 alunos, a do 9º ano “B”, 24 e a do 9º ano “D”, 22. A maior parte dos alunos do período matutino é da zona urbana e a do período vespertino é da zona rural. Para efeitos de análise, não vamos dividir os alunos por turma, mas abranjamos dados das três turmas, sem nos determos a nomenclaturas de sala, pois, pensamos que o local em que a maior parte da turma reside não influencia nos resultados obtidos. Vale ainda salientar que as turmas são mescladas com alunos especiais e que as atividades desenvolvidas geralmente são adaptadas para eles, além disso, há um apoio educacional para ajudar esses alunos no desenvolvimento das aulas, porém se o grau de deficiência é de leve a moderado, não precisa desse apoio.

4.2 COLETA DE DADOS

Para coleta de dados desta pesquisa, baseamo-nos na experiência em sala de aula com relação aos aspectos gramaticais, pois ao se trabalhar gramática nas aulas de Língua Portuguesa, percebemos que uma das grandes dificuldades dos alunos de 9º ano é compreender as orações subordinadas. Vale ressaltar que os três tipos de orações foram trabalhados ao longo do ano de 2019, uma cada bimestre, porém como veremos adiante, sem grande sucesso. Para confirmar nossa tese de que parece ser ineficaz trabalhar as orações subordinadas de forma separada, propusemos um questionário diagnose com a opinião dos alunos a respeito desse tema, visto que esses assuntos já haviam sido desenvolvidos nas turmas, na hipótese de que os alunos também relatassem essa dificuldade observada pela professora/pesquisadora.

Participaram do questionário inicial um total de 61 alunos. Vale enfatizar que desses 61 estudantes que responderam à diagnose, dois possuem laudo médico atestando deficiência mental leve ou moderada. É importante ainda ressaltar que ambos acompanham a turma sem necessidade de apoio educacional, porém com o nível de aprendizagem abaixo da média geral da turma.

Dividimos, então, o questionário da seguinte forma:

QUESTIONÁRIO/DIAGNOSE

1. O que você acha mais difícil na disciplina de Língua Portuguesa?
 - a) Literatura b) Produção textual c) Interpretação textual d) Gramática
2. O que você acha mais fácil na disciplina de Língua Portuguesa?
 - a) Literatura b) Produção textual c) Interpretação textual d) Gramática
3. Para você o que é um período composto?
4. Em português, o que é uma oração?
5. Defina com suas palavras: o que é um período composto por subordinação?
6. Sobre as orações subordinadas, você as considera:
 - a) Fáceis de entender b) muito fáceis de entender c) Difíceis de entender d) Muito difíceis de entender
7. O que é “gramática” para você?
8. Na sua opinião, as regras gramaticais na Língua Portuguesa são:
 - a) Importantes b) muito difíceis c) não servem para nada d) servem para falar bem e) servem para escrever bem f) são muito complicadas
9. Para você, a maneira mais fácil para entender os assuntos de gramática é através de:
 - a) dinâmicas b) provas c) videoaulas d) exercícios e) jogos f) explicação do professor

Fonte: Santos (2020)

Para efeitos de sondagem, evidenciamos as perguntas que mais se destacaram no questionário. Com relação à primeira pergunta, em um total de 61 alunos que responderam ao questionário, 35 acham a gramática mais difícil, ou seja, 57% dos alunos sentem dificuldade em aprender os conteúdos gramaticais, 16% para produção textual, 16% (10 alunos) para interpretação textual e 10% (6 alunos) para Literatura.

Analisemos o percentual visualmente no gráfico abaixo:

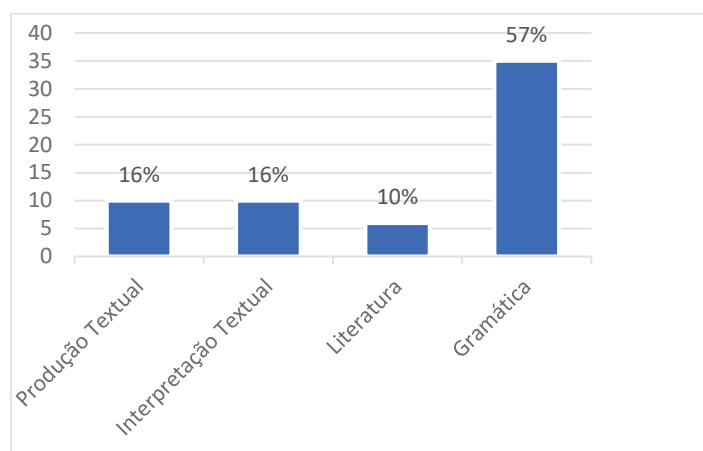


Gráfico 1: Opinião dos alunos sobre a disciplina de Língua Portuguesa

Fonte: Santos (2020)

Sobre a quinta pergunta do questionário a respeito do que seria um período composto por subordinação, temos o seguinte gráfico:

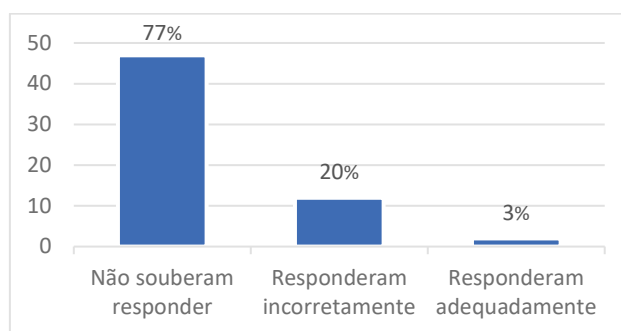


Gráfico 2: Opinião dos alunos sobre o período composto por subordinação

Fonte: Santos (2020)

Temos, então, um percentual de 77% (47) de alunos que não souberam responder ou deixaram essa questão em branco, 20% (12) responderam incorretamente e apenas 3% (2) de alunos responderam adequadamente, equivalendo a um total de dois alunos que responderam da seguinte maneira: “quando temos duas orações, mais uma precisa da outra para melhor compreensão” (resposta igual a que o aluno C respondeu no questionário) e “é o que completa a oração principal” (aluno D). Percebemos que, apesar de não detalhar mais informações, esses dois alunos foram os que mais se aproximaram de uma resposta razoável, uma vez que já tiveram contato com esse assunto no decorrer do ano dessa pesquisa.

Com relação ao que os alunos acham sobre o que pode ser feito para que o entendimento dos assuntos gramaticais se torne mais acessível, temos:

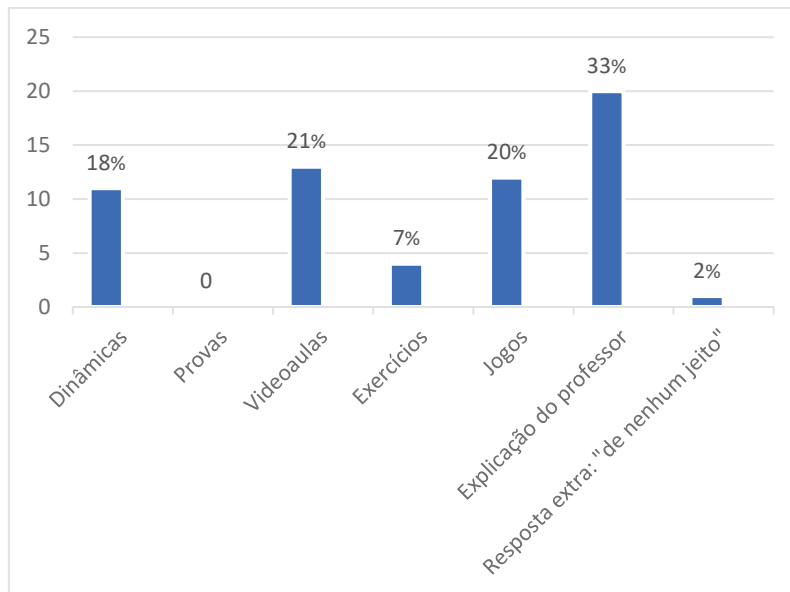


Gráfico 3: Métodos para facilitar o entendimento de conteúdos gramaticais

Fonte: Santos (2020)

Como podemos observar, um total de 33% (20) responderam que uma maneira mais fácil para se entender os assuntos gramaticais dependem da explicação do professor; em segundo lugar estão as videoaulas com 21% (13); em terceiro, os jogos, com 20% (12); em seguida vêm as dinâmicas, com 18% (11); logo após, os exercícios, com 7% (4); temos ainda uma resposta extra em que um dos alunos respondeu “de nenhum jeito”, correspondendo a 2% do total, e nenhum aluno considerou as provas como uma maneira para facilitar o entendimento dos conteúdos gramaticais.

Conforme o gráfico 3, podemos inferir que ainda prevalece a crença nos alunos de que somente a explicação do professor é necessária para se entender os conteúdos gramaticais, porém como vimos no decorrer do ano e de acordo com as respostas do questionário, a explicação não foi suficiente sequer para que o aluno compreendesse as características mais superficiais do que é um período composto por subordinação. Os jogos pedagógicos, foco desta pesquisa, ficaram apenas em terceiro lugar, perdendo inclusive para videoaulas, que ficou em segundo lugar. Além disso, é importante ressaltar que nenhum aluno respondeu que provas são o suficiente para facilitar a aprendizagem. Esse resultado parece confirmar o problema da escola ao seguir o método tradicional de se fazer apenas provas como forma de “medir” o conhecimento do aluno em relação aos conteúdos vivenciados em sala de aula.

4.3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Temos como proposta de intervenção utilizar os jogos pedagógicos de maneira a contribuir com a aprendizagem dos alunos em relação ao período composto por subordinação. Utilizamos para isso quatro jogos como recursos pedagógicos no ensino das orações subordinadas, que são respectivamente:

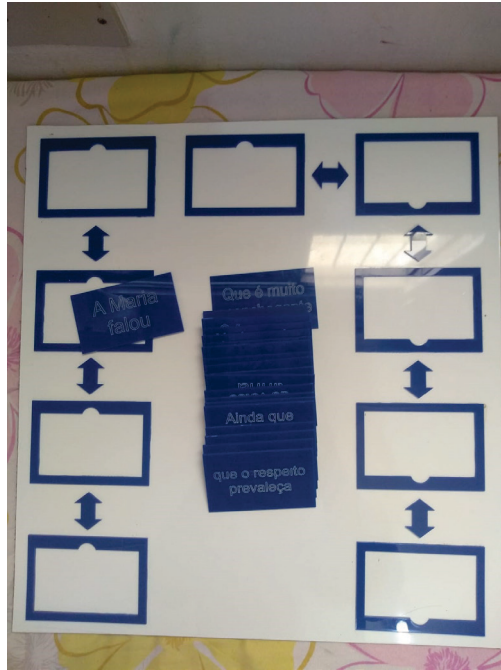


Imagem 1: Jogo I - Tabuleiro do Encaixe: Dependência e Independência das relações sintáticas

Fonte: Santos (2020)

Objetivo: Mostrar a hierarquia sintática do período composto por subordinação e por coordenação.

Material: Um tabuleiro com placas que contenham orações para serem encaixadas em seus devidos espaços.

Número de jogadores: 4 a 6.

Regras do jogo: Os jogadores deverão preencher os espaços vazios com as placas adequadas. Para isso, deverão perceber que não é qualquer placa que ocupa cada espaço.



Imagem 2: Jogo II - Roleta das Orações Complexas

Fonte: Santos (2020)

Utilizamos para a roleta a seguinte tabela correspondente aos números:

Tabela para Roleta das Orações Complexas²

1. **Não basta que você me peça perdão.** Destaque a oração principal e a subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
2. **A verdade é que isso tudo é muito relativo.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
3. **Não tenho certeza se poderei escrever o discurso.** Destaque a conjunção da oração subordinada, em seguida, explique que outra conjunção poderia substituí-la.
4. **Sou favorável a que todos sejam punidos.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
5. **Ela trouxe o livro de que falei ontem.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
6. **Os lucros, que tanto comemoras, não conheço.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
7. **Hoje verei os cadernos de quem não pergunta nada.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
8. **Os eleitores, que podem mudar o futuro do país, são bem informados.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
9. **O advogado que era corrupto fugiu com o dinheiro que pertencia ao aposentado.** Destaque a(s) oração(ões) subordinada(s), em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
10. **A lagarta, que se transformara em borboleta, fugiu pela janela.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
11. **A resposta que se apresentou à pergunta que se fez não esclareceu o assunto.** Destaque a oração principal e a subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
12. **O jovem que acaba de se formar já conseguiu um emprego.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação.
13. **Já que ela tomou essa decisão, vou cuidar da minha vida.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. Dependendo da classificação, essas orações podem ser escritas de outras formas? Se sim, diga quais.
14. **Mesmo que você não goste de filmes de super-heróis, esse vale a pena.** Destaque a oração principal e subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. Dependendo da classificação, essas orações podem ser escritas de outras formas? Se sim, diga quais.
15. **Se nós demorarmos mais um pouco, vamos perder o filme.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. Dependendo da classificação, essas orações podem ser escritas de outras formas? Se sim, diga quais. Troque a conjunção que inicia a oração subordinada por outra que mantenha o mesmo sentido.
16. **Não tenho certeza se poderei escrever o discurso.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). A conjunção “se” nas duas orações têm o mesmo sentido, por quê?
17. **É preciso mostrar a carteira de idoso para que uma pessoa entre de graça.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. Dependendo da classificação, essas orações podem ser escritas de outras formas? Se sim, diga quais.

² Todas as frases presentes nessa tabela foram baseadas em Henriques (2018).

18. **Apague a luz quando o último sair, para não gastar energia.** Destaque a(s) oração(ões) subordinada(s), em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. Dependendo da classificação, essas orações podem ser escritas de outras formas? Se sim, diga quais.
19. **Nós dois, como já era esperado, chegamos mais cedo.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. Dependendo da classificação, essas orações podem ser escritas de outras formas? Se sim, diga quais.
20. **Como você não compareceu, chamamos outra pessoa.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. Dependendo da classificação, essas orações podem ser escritas de outras formas? Se sim, diga quais. Destaque a conjunção e troque-a por uma que mantenha o mesmo sentido.
21. **Aceito o cargo de técnico, desde que a torcida do Palmeiras continue exigente.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. Dependendo da classificação, essas orações podem ser escritas de outras formas? Se sim, diga quais. Destaque a conjunção e troque-a por uma que mantenha o mesmo sentido.
22. **Se beber, não dirija.** Destaque a oração subordinada, em seguida classifique o tipo de subordinação (adjetiva, adverbial, substantiva). Explique o porquê de tal classificação. A conjunção “se” tem valor de condição, porém, ela pode também ter valor temporal. Explique essa afirmação, trocando-a por outra com valor de tempo.

Fonte: Santos (2020)

Objetivo: Refletir acerca dos tipos de períodos compostos por subordinação.

Material: Uma roleta com número de 1 a 20 que deverá ter uma tabela externa com questões para reflexão de maneira a representar os respectivos números contidos na roleta.

Número de jogadores: 5 a 7.

Regras do jogo: Os jogadores deverão girar a roleta e tirar na tabela as questões que representem o número tirado. Após isso, terão que levar ao restante do grupo o enunciado retirado para juntos refletirem sobre tal ocorrência.



Imagem 3: Jogo III - Giro das possibilidades: a importância dos conectivos nas orações subordinadas

Fonte: Santos (2020)

Objetivo: Montar períodos compostos por subordinação a partir de três garrafas que representem respectivamente: *orações subordinadas, conectivos e orações principais*.

Material: Três suportes feitos com cano (pode ser outro material) que possam conter orações e conectivos, para que sejam girados e combinados entre si, de maneira a formar os períodos compostos.

Número de jogadores: 4 a 6.

Regras do jogo: Os jogadores deverão girar cada suporte e fazer as devidas combinações, para que possam perceber a importância dos conectivos ao fazer a ligação entre uma oração principal e uma subordinada. Após isso, deverão debater uns com os outros e com o mediador sobre as possibilidades encontradas. Vence o jogo o grupo que melhor combinar os conectivos com seus respectivos sentidos.



Imagem 4: Jogo IV - Dominós da Subordinação

Fonte: Santos (2020)

Objetivo: Testar e revisar as orações subordinadas e seus respectivos tipos (adverbiais, adjetivas e substantivas).

Material: 24 peças de dominós que contenham orações em que um lado do dominó represente “oração principal”, “oração adverbial”, “oração adjetiva” e “oração substantiva” e o outro lado contenha as orações propriamente ditas.

Número de jogadores: 4

Regras do jogo: Os jogadores deverão mexer o dominó e cada um deve ficar com seis peças do dominó. Deverá iniciar o jogo aquele que estiver com uma pedra que contenha pelo menos um lado com “oração principal”. Ganhará a partida o jogador que não sobrar nenhuma peça em mãos. O mediador deverá observar se todas as peças foram colocadas corretamente de acordo com sua classificação.

5 DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS

De maneira a tentar amenizar os resultados encontrados a aplicação do questionário/diagnose inicial realizado pelas turmas em estudo no que se refere à aprendizagem das orações subordinadas, propomos oficinas que pudessem melhorar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos através de Jogos Pedagógicos. Assim, aplicamos um total de cinco oficinas com teoria e prática sobre as orações subordinadas e como consequência de diferenciação também englobamos as orações coordenadas, na tentativa de fazer o aluno perceber tal distinção entre ambos os períodos compostos.

Podemos resumir a aplicação das oficinas da seguinte maneira:

5.1 OFICINA I: GRAMÁTICA, SINTAXE E PERÍODOS COMPLEXOS

Objetivo: Relacionar *Gramática, Sintaxe e Períodos Complexos*.

Tempo: 3 aulas de 50 minutos.

Sequência de atividades:

- Explicação, explanação no quadro branco e através de *slides* como funciona a gramática em uma língua;
- O que é Sintaxe? Debate oral e compartilhado sobre os elementos estudados pela Sintaxe e sua funcionalidade nas aulas de língua portuguesa;
- Definição dos períodos complexos através de exemplos explanados em slides; e
- Hora da reflexão: hipóteses, questionamentos sobre a percepção dos alunos a partir dos três elementos estudados (Sintaxe, Gramática e Períodos Complexos).

Na oficina I, com a aplicação da teoria dos conteúdos que iriam ser trabalhados durante as próximas oficinas na aplicação dos jogos, percebemos que, antes de ir para a prática, é preciso que os discentes tenham a noção do que irão ver na teoria. Nesse momento, os alunos puderam lembrar o que já havia sido visto ao longo dos bimestres, tirar dúvidas, questionarem e principalmente colocarem em pauta seus conhecimentos prévios sobre o assunto.

5.2 OFICINA II: APLICAÇÃO DO JOGO I - TABULEIRO DO ENCAIXE: DEPENDÊNCIA E INDEPENDÊNCIA DAS RELAÇÕES SINTÁTICAS

Objetivo: mostrar a hierarquia entre as orações subordinadas e principais, de modo que o aluno perceba a relação entre uma oração e outra. Além de diferenciar visualmente as subordinadas das coordenadas.

Tempo: 2 aulas de 50 minutos.

Sequência de atividades:

- Retomada da aula anterior, ouvindo o que os alunos tinham entendido em relação à teoria adquirida, se eles tinham alguma observação a fazer e se ficou alguma dúvida sobre os assuntos trabalhados anteriormente;
- Divisão da turma em grupos;
- Apresentação do jogo *Tabuleiro do Encaixe*;
- Leitura e explanação sobre as regras dos jogos;
- Desenvolvimento do jogo; e
- Hora da reflexão: hipóteses, questionamentos sobre a percepção dos alunos a partir desse jogo.

Durante a realização da oficina II, pudemos observar através da aplicação do jogo *Tabuleiro do Encaixe* que os alunos puderam constatar a relação de dependência e independência sintática. Foi por meio desse jogo que os discentes visualizaram as relações de hierarquia das orações coordenadas e subordinadas.

5.3 OFICINA III: APLICAÇÃO DO JOGO II – ROLETA DAS ORAÇÕES COMPLEXAS

Objetivo: Refletir sobre as orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

Tempo: 02 aulas de 50 minutos.

Sequência de atividades:

- Apresentação do jogo “roleta das orações complexas”;
- Leitura e explanação sobre as regras dos jogos;
- Desenvolvimento do jogo;
- Hora da reflexão: hipóteses, questionamentos sobre a percepção dos alunos a partir desse jogo.

Já na oficina III, na aplicação do jogo *Roleta das orações complexas*, foi possível lançar perguntas e hipóteses através de uma tabela com orações que remetia a cada número tirado na roleta. Foi nesse jogo que os discentes puderam colocar em prática o conhecimento adquirido e responder às perguntas tiradas e na correção verificarem o que tinham acertado ou errado, se suas hipóteses faziam sentido, utilizando, para isso, a gramática como conhecimento científico.

5.4 OFICINA IV – GIRO DAS POSSIBILIDADES: A IMPORTÂNCIA DOS CONECTIVOS NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

Objetivo: montar orações a partir de três suportes que representam: *orações subordinadas, conectivos e orações principais*, bem como mostrar a importância dos conectivos para ligar uma oração subordinada a sua oração principal.

Tempo: 02 aulas de 50 minutos.

Sequência de atividades:

- Apresentação do jogo “das combinações”;
- Leitura e explanação sobre as regras dos jogos;
- Desenvolvimento do jogo;
- Hora da reflexão: hipóteses, questionamentos sobre a percepção dos alunos a partir desse jogo.

Na oficina IV, com o jogo *Combinações dos conectivos entre orações*, os alunos teriam que combinar conectivos entre uma oração subordinada e uma oração principal, através dessas combinações os estudantes teriam que testar o sentido que cada conectivo tinha em determinadas orações e se mais de um conectivo poderia ter o sentido semelhante a outro. Além disso, eles puderam perceber que nem toda oração combina com uma oração principal e dependendo do sentido que queremos lançar em determinada oração, haverá uma ou mais possibilidades de conexão entre duas orações. Outrossim, optamos por denominar “conectivo” tanto as conjunções das adverbiais e substantivas, quanto os pronomes relativos das orações adjetivas, para que pudesse facilitar a compreensão dos alunos na hora das combinações.

5.5 Oficina V: Aplicação do jogo III: Dominós da Subordinação

Objetivos: classificar os períodos complexos em: orações substantivas, adjetivas, adverbiais e orações principais, além de perceber se de fato os alunos compreenderam como funcionam as orações subordinadas com os jogos desenvolvidos nas oficinas anteriores.

Tempo: 2 aulas de 50 minutos.

Sequência de atividades:

- Apresentação do jogo “dominó das classificações”;
- Leitura e explanação sobre as regras dos jogos;
- Desenvolvimento do jogo;
- Hora da reflexão: hipóteses, questionamentos sobre a percepção dos alunos a partir desse jogo.

Na quinta e última oficina, com a aplicação do jogo *Dominós da Subordinação*, pudemos perceber o que os alunos aprenderam ao longo do desenvolvimento dos demais jogos. Foi nessa oficina que revisamos e testamos os tipos de subordinação estudados (adjetivas, adverbiais e substantivas).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o desenvolvimento das oficinas, como maneira de tentar sistematizar a aprendizagem adquirida, aplicamos outro questionário com as questões que foram mais problematizadas no questionário inicial para sabermos o que mudou na visão dos alunos depois dos jogos. É importante ressaltar que, apesar de as questões serem as mesmas do questionário inicial, não houve correção nas turmas para analisar as respostas que os alunos haviam feito. Por isso, os estudantes não tinham como saber o que erraram e/ou acertaram para responder ao questionário final.

Vale salientar que dos 61 alunos que participaram do primeiro questionário, dois faltaram no dia do segundo, uma aluna havia sido transferida há cerca de um mês antes do término das atividades, sendo assim, agora, no novo questionário, houve um total de 58 alunos.

De acordo com o levantamento de dados, demos ênfase a três questionamentos que melhor atendem a proposta dessa intervenção, que é trabalhar as orações subordinadas através dos jogos pedagógicos, destacamos, assim, os três principais aspectos desenvolvidos durante as oficinas: *o que é um período composto, o que é um período composto por subordinação e quais são os melhores métodos para compreender as orações subordinadas.*

Diante do exposto, temos os seguintes gráficos:

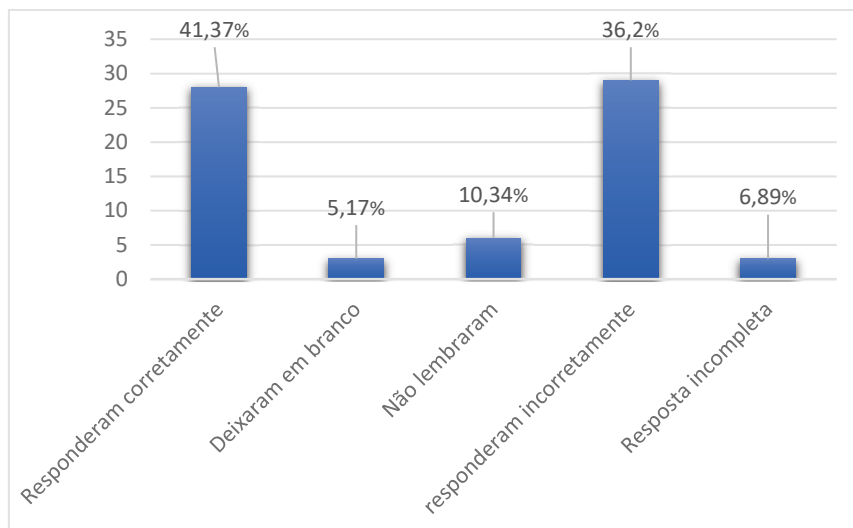


Gráfico 4: Resultado – Período Composto

Fonte: Santos (2020)

Conforme o gráfico 4, podemos entender que cerca de 41,3% (24) responderam corretamente essa parte do questionário, 36,2% (21) responderam de maneira incorreta e 6,89% (4) responderam de maneira incompleta. Dessa forma, ao observarmos os dados, apesar de a quantidade de alunos que responderam incorretamente ser próxima aos que responderam corretamente, ao juntarmos com os que deram as respostas incompletas, podemos afirmar que cerca de 48,2% (28) alunos responderam ao questionário dentro do nível desejado, ou seja, a maior parte dos alunos conseguiram perceber o que era um período composto por subordinação. Ao compararmos os dados com o primeiro questionário aplicado temos o seguinte gráfico:

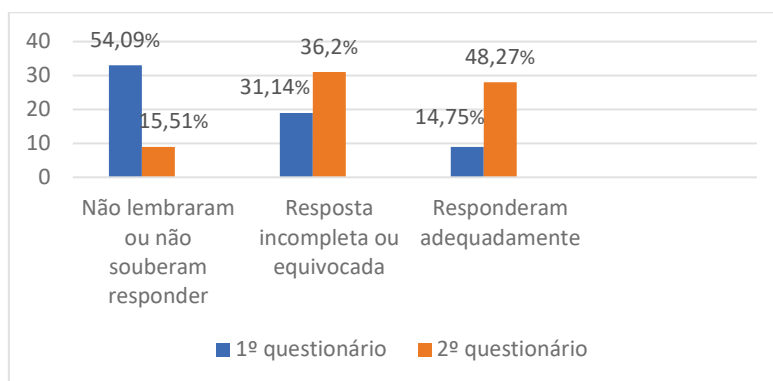


Gráfico 5: Comparação entre o questionário inicial e o final sobre o período composto

Fonte: Santos (2020)

Como podemos observar, o índice de alunos que não lembraram ou não souberam responder caiu bastante a partir da utilização dos jogos, isso acontece porque ao visualizar o conteúdo na prática, o estudante consegue lembrar dos questionamentos, dos erros, das reflexões que foram feitas a partir do ato de jogar. Como afirma Pilati (2017), uma solução para que a gramática seja vista como um sistema linguístico é transformá-la em algo concreto, ou seja, é transformar o conteúdo gramatical em jogos pedagógicos, para que assim a gramática deixe de ser abstrata para se tornar algo palpável, tocável, efetivo.

Em relação aos resultados obtidos sobre o período composto por subordinação, temos o seguinte gráfico:

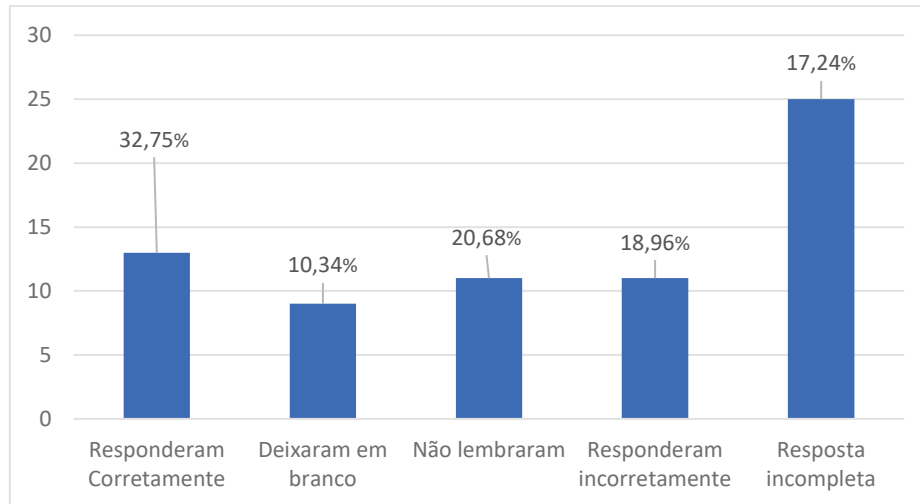


Gráfico 6: Resultado - o que é um período composto por subordinação?

Fonte: Santos (2020)

Como podemos observar no gráfico 6, 32,75% (19) dos alunos responderam corretamente sobre a definição do que é um período composto por subordinação, 18,96% (11) responderam incorretamente e 17,24% (10) responderam de maneira incompleta. Se juntarmos os números dos alunos que responderam corretamente ou de forma incompleta, temos um total de 29 alunos que chegaram próximo ao nível esperado, isso significa que metade dos alunos conseguiram atingir o nível esperado. O que só confirma a hipótese de que a utilização de jogos é um fator importante no desenvolvimento da aprendizagem de conteúdos gramaticais. Ao compararmos a diagnose inicial com relação ao conteúdo das orações subordinadas, temos o seguinte gráfico:

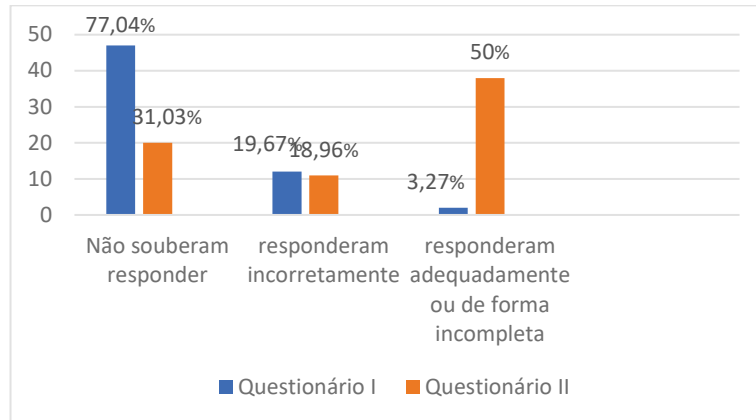


Gráfico 7: Comparação entre o questionário inicial e o final: orações subordinadas

Fonte: Santos (2020)

Como podemos perceber, a quantidade de alunos que não souberam responder diminuiu significativamente em mais da metade e em relação aos alunos que responderam adequadamente o número cresceu expressivamente.

Com relação aos métodos de aprendizagem, é importante ressaltar que no primeiro questionário aplicado, a professora mediadora pediu que os alunos respondessem apenas uma única opção, para que os alunos assinalassem somente a que achava mais eficaz para aprender. No novo questionário, após a aplicação das oficinas, alguns alunos questionaram do porquê de ser apenas uma, pois para eles poderia haver mais de uma opção. A partir desse questionamento, a professora falou que poderiam marcar duas opções, resultando no seguinte gráfico:

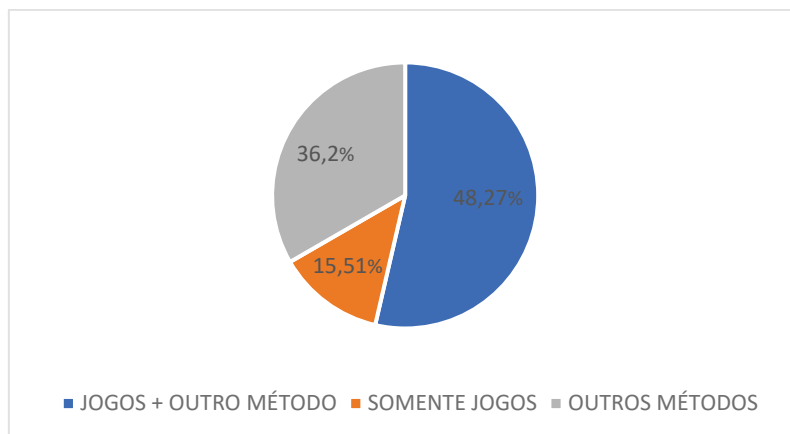


Gráfico 8: Métodos de Aprendizagem

Fonte: Santos (2020)

Segundo o gráfico acima, 36,2% (21) dos alunos acharam outros métodos de aprendizagem mais eficientes que os jogos, como videoaulas, dinâmicas ou exercícios, dentre outros. Em relação à utilização de jogos em sala de aula, 15,52% (9) responderam que apenas os jogos são eficazes e 48,27% (28) assinalaram que os jogos podem ser eficientes se atrelados a algum outro método de aprendizagem.

Porém, ao unirmos 28 alunos que responderam que os jogos podem ser eficazes com outro método, além dos 9 que responderam que somente os jogos podem ser, houve um total de 37 alunos, ou seja, dos 58 alunos que responderam ao novo questionário, 37 acharam os jogos pedagógicos eficazes na prática de ensino/aprendizagem, isto é, os números aumentaram significativamente em relação ao primeiro questionário aplicado.

Para detalhar melhor os outros métodos que os alunos escolheram como complemento aos jogos pedagógicos, temos o seguinte gráfico:

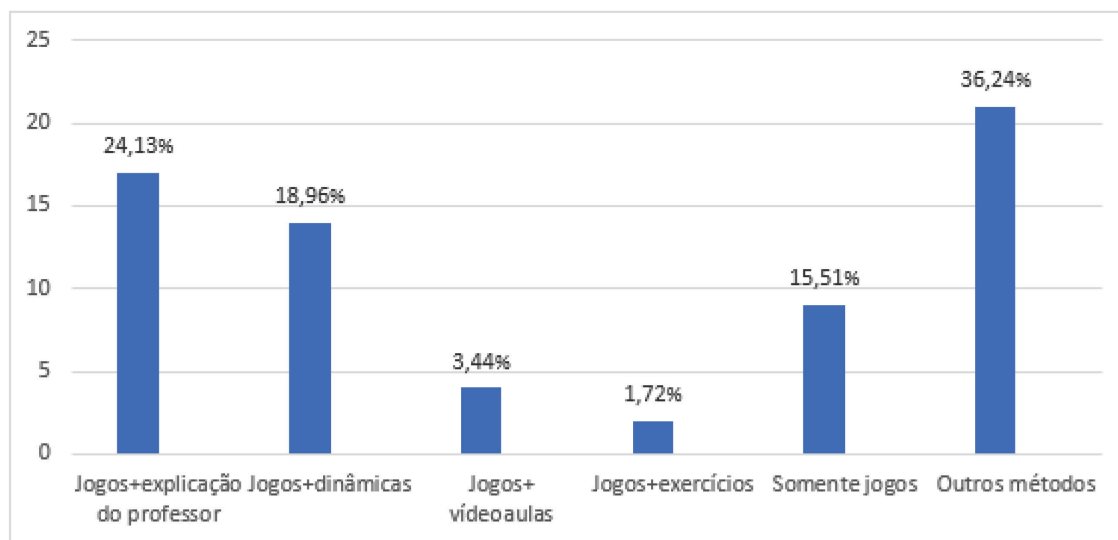


Gráfico 9: Especificação dos Métodos de Aprendizagem

Fonte: Santos (2020)

Através do gráfico acima, observamos que o principal método o qual os alunos atrelaram aos jogos foi a “explicação do professor”. Por isso, através desses dados foi possível perceber durante a aplicação das oficinas que a mediação da professora foi de extrema importância para que os alunos tirassem as dúvidas, checassem as regras dos jogos, para que através de perguntas-chaves em muitos momentos durante a aplicação, os discentes pudessem chegar a um determinado raciocínio ou mesmo que pudessem levantar novos questionamentos.

Sendo assim, os resultados através dos dados aqui descritos mostram que os alunos conseguiram entender a importância dos jogos na aprendizagem das orações subordinadas, além disso, eles também destacaram a importância do mediador no processo de ensino/aprendizagem, quando escolheram como principal método atrelado aos jogos a “explicação do professor”.

Na próxima seção, trazemos as Considerações Finais a que chegamos com a investigação deste estudo, enfatizando as principais conclusões obtidas ao longo do desenvolvimento da intervenção realizada durante as oficinas e dos resultados alcançados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios que surgem a cada dia no ambiente escolar, o professor tem a difícil tarefa de tornar o ensino um meio para que o aluno, além de aprender, sinta-se como parte do processo de ensino/aprendizagem, numa troca mútua de conhecimento, de questionamento e de reflexão.

A partir do ensino de gramática na escola, pudemos perceber que, através dos dados analisados e dos resultados obtidos neste trabalho, o conteúdo das orações subordinadas pode ser eficaz se o professor, enquanto mediador, colocar os alunos como agentes do seu próprio conhecimento. Foi através da aplicação dos Jogos Pedagógicos durante a realização das oficinas que os alunos puderam perceber, no exato momento em que estavam jogando, os erros, os questionamentos e refletir sobre o que estava sendo visto na prática.

Com relação à utilização dos Jogos Pedagógicos, pudemos observar que é uma excelente ferramenta quando atrelada ao ensino, visto que o ato de jogar faz com que o aluno saiba as regras para ganhar ou perder. Sendo assim, mesmo quando o aluno perde, o erro faz com que ele reflita e reveja suas estratégias para acertar ou mesmo contestar determinadas regras.

Vale salientar que a gramática tradicional foi colocada em prática, não como a incontestável ou a norma absoluta, mas sobretudo para ser testada, contestada, sendo utilizada como conhecimento científico através do ato de jogar. Assim, os estudantes puderam perceber que as regras gramaticais podem ser revistas, reanalisadas, contrariadas e também reafirmadas, dependendo do que se espera.

É importante também ressaltar que um dos objetivos pretendidos nesta pesquisa foi trabalhar os três tipos de orações subordinadas de uma só vez, sem se deter às classificações de cada uma, mas sobretudo para que o aluno pudesse enxergar e saber identificar quando ocorria cada uma das três. Além disso, vimos que quando os períodos compostos por subordinação são trabalhados separadamente, como já havia sido trabalhado a cada bimestre com as turmas analisadas nessa investigação, há o risco do fracasso escolar, conforme foi comprovado no questionário inicial desta pesquisa, pois, a intenção foi justamente saber se tinha ficado algo das orações subordinadas na mente dos alunos quando havia apenas a explicação do professor, principalmente quando esse conteúdo é trabalhado separadamente, visando principalmente às classificações que cada tipo de oração oferece.

Vimos, assim, que um texto não é formado apenas por um tipo de oração subordinada, como é o foco desta pesquisa, mas variados tipos, que não adianta o professor trabalhar um tipo de cada vez, mas deixar claro que as utilizamos o tempo todo, seja na fala ou na escrita, mesmo sem nos darmos conta disso. As regras fazem sentido se apontarmos para os alunos esse sentido, especialmente quando mostramos o “para quê” de tal assunto ser trabalhado e quando é utilizado. Portanto, quando o aluno percebe na prática o objetivo de um conteúdo gramatical, como a aplicação dos Jogos Pedagógicos, e a aprendizagem se torna ativa, como bem afirma Pilati (2017, p. 88) ao considerar que os alunos já chegam na escola utilizando e sabendo gramática inconscientemente, o que faremos nas aulas de Língua Portuguesa é “torná-los mais conscientes de seu saber linguístico [...] e auxiliá-los no desenvolvimento de suas habilidades de expressão oral e escrita.”.

O intuito desta pesquisa foi propor um novo método de ensino para o professor trabalhar as orações subordinadas em sala de aula, baseada em três princípios básicos elencados por Pilati (2017) que é: a) levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, b) desenvolver um conhecimento mais profundo dos fenômenos em estudo e c) possibilitar a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento da metacognição. Sendo assim, com base nos resultados obtidos, constatamos que ao se trabalhar com Jogos no

ensino de gramática, além das aulas se tornarem mais atrativas, os alunos têm a possibilidade de errar na prática, de contestar seu “erro” e assim aprender de forma mais leve e descontraída. Os resultados foram satisfatórios na medida em que conseguimos que a maior parte dos alunos aprendessem sobre o período composto por subordinação, refazendo os dados iniciais de maneira positiva.

Por conseguinte, esta pesquisa abre caminhos para trabalhos posteriores, como, por exemplo, desenvolver jogos para que se possa criar estratégias para o ensino das classificações de cada tipo de oração subordinada ou ainda fazer o aluno refletir sobre os processos das orações subordinadas na construção do texto, em como utilizar os períodos compostos a favor de uma boa produção textual. Ficam aqui as possibilidades de uma futura pesquisa que possa abranger ainda mais esse estudo.

Ademais, esperamos que este trabalho contribua com as investigações acerca dos fenômenos gramaticais, na tentativa de somar métodos de ensino para o ambiente escolar, principalmente no que diz respeito aos estudos linguísticos que carecem ainda mais de propostas e intervenções relacionadas à prática docente em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D.A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.

FERRAREZI JUNIOR, C. *Sintaxe para educação básica*. São Paulo: Contexto, 2012.

FRANCHI, C. *et al.* O uso das relações semânticas na análise gramatical. In: POSSENTI, S. (org.) *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.102-125.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

IDE, S. M. O jogo e o fracasso escolar. In: KICHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 89-107.

KENEDY, E.; OTHERO, G. A. *Para conhecer a sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KICHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 13-43.

LOPES, M. G. *Jogos na educação: criar, fazer, jogar*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OTHERO, G. A. Sintaxe. In: SCHWINDT, L. C. (org.). *Manual de Linguística: Fonologia, Morfologia e Sintaxe*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014. p. 155-217.

PENTEADO, H. D. Jogo e formação de professores: videopsicodrama pedagógico. In: KICHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 165-180.

PILATI, E. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. 2. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2017.

SANTOS, V. L. *Período composto por subordinação: proposta de intervenção através de jogos pedagógicos em turmas do 9º ano da rede municipal de ensino de Angelim-PE*. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Garanhuns-PE, 2020.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.



Recebido em 07/08/2022. Aceito em 09/12/2022.